

Resenha

Kenneth Frampton: A construção de um pensamento entre a história crítica e a poética da construção

Maria da Graça Rodrigues Santos

Maria da Graça Rodrigues Santos é arquiteta, doutoranda da FAUUSP sob orientação da professora doutora Maria Irene Szmrecsanyi e bolsista da Fapesp

Kenneth Frampton

As obras:

- História Crítica de la Arquitectura Moderna

Barcelona: Gustavo Gili, 1994 (7 ed.) 400 p.

- Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture

Boston: The MIT Press, 1995 430 p.

Na introdução do seu livro *História crítica de la arquitectura moderna*, Frampton aponta para a possibilidade de “leituras” diferentes do texto, levando-nos a questionar suas intenções na escolha do material para compor o conjunto e na ênfase dada a determinados temas mais que a outros no que se refere a sua postura interpretativa.

A leitura primeira, apanhando a mensagem mais explícita, reflete sua intenção de explicar a arquitetura moderna buscando suas origens em acontecimentos que provocaram mudanças de ordem cultural, urbana e tecnológica, registradas a partir de meados do século 18. Uma outra leitura pode ser feita de forma picotada, aleatória, buscando informações de um tema específico. Mas até aí, pouco fica esclarecido. De fato, a maneira de Frampton colocar as questões e o marco temporal para definir as mudanças, vai estar diretamente ligada a sua posição favorável ao pensamento da Escola de Frankfurt e crítico em relação ao que ele define como lado obscuro da ilustração, cuja razão irrazoável tem alienado o homem com relação a sua própria produção. Essa sua forma de interpretar a história está presente em algumas análises ao longo

••••

do livro, quando aborda o processo de desenvolvimento da arquitetura moderna, bem como quando analisa os principais arquitetos que participaram ou desencadearam tais movimentos. Sem desmerecer a qualidade da obra como apresentada nas duas primeiras edições, o livro seria apenas mais um a traçar os contornos da arquitetura moderna não fosse o fato de na terceira edição Frampton ter introduzido um novo capítulo intitulado “Regionalismo crítico: arquitectura moderna y identidad cultural”, em que discute a questão do regionalismo em arquitetura e apresenta sua versão, em sete itens, do que caracterizaria este movimento.

Daí em diante sua obra toma outra dimensão: fica clara a possibilidade de uma nova leitura do texto, como um esforço de mapear, ao longo da história, a relação entre arquitetura e cultura no sentido de respaldar sua teoria regionalista. A partir daí podemos situar melhor sua crítica ao iluminismo, que se traduzirá como crítica à razão instrumental. Nesse sentido, buscará uma forma de pensar a arquitetura que leve a uma prática capaz de resistir aos ditames unicamente da tecnologia.

A discussão sobre regionalismo em arquitetura, que ressurgiu na década de 80 principalmente a partir das proposições de Frampton, tem dominado, desde o século 18, a arquitetura de quase todo o mundo, alternando períodos de expansão e descrença, conforme bem descrevem Alexis Tzonis e Liane Lefaivre. As críticas feitas referem-se ao fato de os movimentos regionalistas encerrarem uma heterogeneidade de aspectos culturais, políticos e econômicos, muitas vezes contraditórios, que vão desde a resistência ao imperialismo tecnológico, no que se refere ao desmantelamento político e econômico dos tecidos sociais e heranças culturais locais, às proposições de caráter regressivo ligadas a um nacionalismo conservador e autoritário, como se verifica na segunda década deste século, através de Osvald Spengler. O historiador alemão faz uma chamada “... *a los vínculos de la sangre y de la tierra los principios sustanciales y arcaicos de una identidad racial y geopolítica, contrapuestos a la uniformización y falta de carácter de la civilización industrial*”

As críticas feitas aos movimentos regionalistas pareciam ter levado Frampton a abandonar sua defesa. Contudo, na sexta edição do livro acrescenta um novo capítulo intitulado “La arquitectura mundial y la práctica reflexiva” no qual, por outros meios, insiste na necessidade

.....

.....

.....

de se adotar uma postura crítica na prática da arquitetura que não pode estar submetida simplesmente, segundo ele, a exigências econômicas e técnicas. Por outro lado esse seu esforço em explicitar a relação arquitetura/cultura vai extrapolar o contexto dessa obra.

No seu livro *Studies in tectonic culture: The poetics of construction in nineteenth and twentieth century architecture*, ao analisar obras de alguns arquitetos e engenheiros que atuaram desde o século passado, Frampton não só reescreve a evolução da arquitetura moderna e redefine a duração das teorias arquitetônicas, ao traçar a evolução da arquitetura pelas lentas mudanças que se processam na busca da clareza estrutural, como busca também uma maneira de estabelecer a relação entre cultura e tecnologia, retornando à questão principal do seu trabalho. Na introdução do livro, para definir a tectônica, dissecou de forma brilhante as implicações do conceito, retomando as preocupações presentes à época do regionalismo crítico, que se traduzem pela busca de uma arquitetura voltada às questões culturais, entendido o termo em seus mais amplos aspectos.

Começa o livro abordando a necessidade de reforçar a noção de espaço no pensamento crítico sobre arquitetura e se propõe a fazê-lo pela consideração do modo construtivo e estrutural da obra, aludindo contudo ao seu caráter expressivo. Nesse sentido vai definir a tectônica como a poética da construção, passando a levantar algumas questões que lhe permitem criar a base conceitual da sua pesquisa. Aborda os aspectos *etimológicos* e *etnográficos* do termo tectônica, o caráter *representativo* e *ontológico* da forma tectônica, bem como o surgimento do conceito de *atectônica*.

Ao falar em *topografia* e *metáfora corporal* descreve um modo de perceber a arquitetura que transcende nossa percepção estética e funcional, estando relacionada à forma como o corpo, e não apenas os olhos, experimenta a arquitetura. Nesse processo de análise, Frampton respalda-se no pensamento de teóricos da arquitetura e das ciências humanas que ao longo da história escreveram sobre as questões então colocadas, sob uma ótica que lhe permita estabelecer uma unidade de pensamento contrária à razão instrumental. Assim ocorre quando, no item relativo à *etimologia*, retoma o pensamento de Gottfried Semper, teórico alemão do século 19, cuja teoria revela uma preocupação

.....

em buscar uma forma de resistência ao vertiginoso fluxo de abstrações da civilização universal. O mesmo acontece em *metáfora corporal*, quando utiliza o pensamento de Gianbatista Vico, filósofo italiano do século 18 que se opunha ao racionalismo cartesiano; ou ainda, quando, ao se referir à *tecnologia* retorna à importância de Martin Heidegger, de cujo conceito de lugar apropriara-se anteriormente na defesa do regionalismo crítico. Apesar das dúvidas relativas a aspectos reacionários do pensamento de Heidegger, pela sua vinculação ao nazismo, reconhece-o como o filósofo do século 20 que respondeu mais profundamente aos impactos da tecnologia e cujo trabalho significa uma ruptura com o positivismo.

Por fim, ao falar em *tradição* e *inovação* relaciona a razão crítica à tradição a partir do pensamento da Escola Italiana Pensiero Debole que se volta para o valor apriorístico do fragmentário, o que, segundo Frampton, insere-se na prática da arquitetura que não pretende ser universalmente aplicada no sentido que a tecnociência entende como tal.

Os demais capítulos do livro retratam um primoroso trabalho de pesquisa que busca, em última análise, desfazer a dicotomia entre arquitetura e engenharia, cuja cisão ocorre, como diz Frampton na introdução da *História crítica de la arquitectura*, com a fundação, em Paris, da École des Ponts et Chaussées, a primeira escola de engenharia, em 1747